LEMBRANÇAS DE UMA MULHER ADMIRÁVEL

Deixou-nos uma mulher extraordinária que, por sua trajetória de vida e sua disposição para a luta, tornou-se uma pessoa reverenciada pelos que tiveram o privilégio de com ela conviver – Elza Cansanção Medeiros. No dia 8 de dezembro deste ano, à noite, quando abri minha caixa de e-mail, recebi a triste notícia. O signatário da mensagem era meu estimado amigo Gen Paulo Cesar de Castro, também amigo dileto de Maj Elza.

Quando me propus a escrever sobre Elza, descartei logo, como tema, suas realizações mais conhecidas. Outros, com maior competência, por certo, falarão sobre a veterana da Força Expedicionária Brasileira (FEB), ou sobre a escritora e poetiza com várias obras publicadas, ou, ainda, sobre a conceituada artista plástica. Prefiro ater-me a recordações de ensejos em que nossas vidas se cruzaram. Esses momentos trazem-me à lembrança uma mulher determinada, à frente de seu tempo, pioneira em diversas áreas; uma amiga dedicada, sempre disposta a ajudar e servir ao próximo.

Nosso relacionamento vem de muito longe. Sempre que via a mim e a meu irmão juntos falava: “Esses meninos eu conheci de calças curtas”. Confesso que não recordo com muita nitidez esses encontros. Nosso pai serviu, algum tempo, na década de 50, no Ministério da Guerra, onde hoje está o Comando Militar do Leste (CML) e, uma vez ou outra, íamos vê-lo no local de trabalho. Deve ser desse tempo a lembrança a que se refere. De qualquer forma, a referência às “calças curtas” era uma força de expressão, pois àquele tempo já éramos praticamente adultos.

Durante minha vida no serviço ativo do Exército, não foram poucas as vezes em que nossos caminhos se encontraram. Devo citar como os mais marcantes as oportunidades em que servi no Palácio Duque de Caxias (PDC) como oficial superior e como general. Em 1990, transferido de Brasília para o CML, assumi a chefia da 5ª seção. O trabalho na área da comunicação social tinha, evidentemente, muitos pontos de contato com a principal atividade que, então, desenvolvia, organizando um acervo fotográfico sobre a FEB. Pude, nessa época, além de desfrutar da companhia de alguém que já era uma amiga próxima, sentir, e por que não dizer, às vezes sofrer com a obstinação que sabia colocar na perseguição de suas metas. Novamente nos encontramos no início da década de 90, quando exerci, por três anos, a chefia do estado-maior do CML e, mais tarde, já neste século, quando fui nomeado chefe do então Departamento de Ensino e Pesquisa.

No início deste ano de 2009, estando eu e minha mulher a passeio em Recife, resolvemos fazer uma visita ao Cel Maya Pedrosa e a sua Teíta, dois queridos amigos que residem em Maceió. Na véspera de nossa viagem à capital alagoana, Maya Pedrosa, envolvido

em problema de ordem pessoal, ligou-me perguntando se eu me incomodaria de ser recebido por Elza. Logicamente, respondi que teria a maior alegria em reencontrá-la. E assim aconteceu.

Elza levou-nos à casa de nossos anfitriões e, no dia seguinte, já estava participando conosco de um passeio que fizemos no Mestre Fura, barco de Tio Zé, nome como Maya Pedrosa, carinhosamente, é chamado pelo grupo de amigos que o acompanham nas aventuras marítimas – a sua “tripulação”. Fez questão de, no dia seguinte, mostrar-nos o que ela chamou de piscina natural. Área rasa, próxima à região dos arrecifes e situada a alguma distância da praia, para onde, na hora em que a maré é favorável, acorre considerável número de banhistas. O acesso era de jangada. Pois bem, do alto de seus 88 anos, subiu na embarcação, discutiu com o jangadeiro sobre a rota a tomar, ficou bom tempo exposta ao vento e ao sol, tudo com uma disposição que poderia causar inveja a muita menina. Retornamos juntos à capital pernambucana, nós para prosseguirmos em nossa viagem de lazer, ela para proferir uma palestra no Colégio Militar de Recife. Assim era Elza, sempre pronta a ajudar, servir, transmitir sua notável experiência de vida, contaminar os mais jovens com seu inesgotável entusiasmo.

Vi-a pela última vez no dia 4 de dezembro, quando fui visitá-la no HCE. Viria a falecer três dias depois. Que Deus a receba no lugar que preparou para os justos.

Ao término da missa de corpo presente que o Comandante do CML fez celebrar em sufrágio de sua alma, um parente, convidado a ir ao microfone, proferiu algumas palavras sobre a vida de sua tia Elza. Desse depoimento, guardei dois vocábulos que, segundo ele, marcaram sua existência: ética e civismo. Concordo plenamente. Quanta falta esses dois termos estão fazendo na política brasileira de hoje! Que poderosa lição de ética e civismo a vida iluminada de Elza poderia dar aos governantes brasileiros atuais!

GILBERTO BARBOSA DE FIGUEIREDO

Presidente do Clube Militar